



Jornalistas compatriotas de Ancelotti avaliam trabalho do técnico no comando da Seleção Brasileira e atribuem eliminação na Copa à falta de tempo e transição de geração, além do erro ao insistir em Neymar

Sob os olhos dos italianos

MARCOS PAULO LIMA
VICTOR PARRINI
ENVIADOS ESPECIAIS

Nova Jersey — Carlo Ancelotti era a Itália na Copa do Mundo. Enquanto a Azzurra assistia ao torneio pela televisão pela terceira edição consecutiva, o técnico da Seleção Brasileira carregava as expectativas de um país acostumado a vê-lo vencer. O vice-campeão mundial de 1994 como auxiliar de Arrigo Sacchi e vitorioso por Milan, Chelsea, Real Madrid, Bayern de Munique e Paris Saint-Germain, fracassou na missão de levar o Brasil ao hexacampeonato, mas a eliminação para a Noruega não mudou a percepção de quem o acompanha há décadas.

Três jornalistas italianos ouvidos pelo **Correio** defendem a permanência do compatriota e veem na falta de tempo e na transição da geração as principais explicações para a decepcionante campanha brasileira, com queda nas oitavas de final para a Erling Haaland e companhia. Há consenso de que o treinador continua sendo o nome ideal para conduzir a reconstrução da Seleção. A principal crítica recai sobre a insistência em Neymar, considerada um equívoco que pesou na caminhada rumo ao Mundial.

O pouco tempo de trabalho é o principal atenuante apontado pelos três jornalistas. Para Paolo Tomaselli, do jornal *Corriere della Sera*, a adaptação de Ancelotti ao futebol de seleções pesou tanto quanto o calendário apertado. Entretanto, o jornalista avalia que o Brasil chegou para a caça ao hexa sem diversidade e qualidade de peças e recorreu a um elenco que ainda não estava pronto para suportar a pressão.

“O Brasil também teve um pouco de azar com os desfalques. Rodrygo, Estêvão e Wesley ficaram fora. Depois, Raphinha e Paquetá se machucaram. São jogadores importantes. Todos eram potenciais titulares. Isso fez com que o Brasil chegasse à Copa com um time lento, um pouco envelhecido e com jogadores que saíram do banco. Talvez ainda não estivessem prontos

Patricia de Melo Moreira/AFP



O Correio conversou com três jornalistas italianos para ouvir a avaliação deles sobre o trabalho do compatriota Carlo Ancelotti na Seleção

para lidar com esse nível de tensão e pressão”, analisa.

O maior questionamento de Tomaselli recai sobre a gestão do caso Neymar. Para ele, o erro não foi a convocação em si, mas a insistência em esperar pela recuperação do camisa 10 mesmo após a lesão. O jornalista entende que, naquele momento, a decisão deixou de ser exclusivamente técnica.

“O que me surpreendeu não foi tanto a convocação de Neymar, mas o fato de terem esperado por ele depois da lesão. Se você deixa de fora um jogador como João Pedro, significa que precisava levar Neymar para agradar a alguém ou simplesmente à opinião pública. Quando percebi que Neymar não estava em nível para disputar uma Copa do Mundo, entendi que aquela era uma convocação política”, compartilha.

Apesar das críticas, o jornalista italiano absolve Ancelotti da responsabilidade pela eliminação e acredita que o treinador continua sendo a escolha ideal para reconduzir o Brasil à glória. “Mas um treinador sozinho não basta. Acredito que ele continua sendo o homem certo, mas os jogadores mais jovens precisam evoluir rapidamente. Também será preciso reconstruir uma espinha dorsal, porque Alisson, Danilo, Casemiro e outros veteranos não estarão mais na próxima Copa”.

Para Tomaselli, a discussão também precisa ir além do banco de reservas. O jornalista vê uma Seleção Brasileira ainda presa à memória das grandes gerações e defende uma leitura mais realista do cenário atual do futebol mundial. “Todos nós ainda pensamos no Brasil de 1970, no Brasil de Ronaldinho

e Ronaldo, no Brasil campeão de 2002. Mas o futebol mudou. A geografia do futebol mudou muito. Talvez seja preciso um pouco mais de racionalidade e também um pouco mais de humildade. Dizem que o Brasil perdeu a identidade. Dizem o mesmo da Itália. A verdade é que são necessários bons jogadores. O futebol é mais simples do que mil discursos”, atesta.

A análise de Gianluigi Bagnulo, repórter da emissora Sky Sports, parte de outra perspectiva. Na Itália, havia a expectativa de que Ancelotti fosse capaz de extrair do Brasil um desempenho superior ao apresentado na Copa do Mundo. O prestígio do treinador no país, segundo ele, alimentou a esperança de uma campanha mais longa. “Na Itália, existe um mito em torno dele. Sempre há a sensação de que ele consegue tirar algo a mais de

qualquer equipe, mesmo quando o elenco não é o mais forte”, revela.

A expectativa era tamanha, que o cineasta italiano Paolo Sorrentino, vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional em 2014 com *A Grande Beleza*, acompanhava Ancelotti durante a Copa para um documentário sobre os 50 anos de carreira no futebol. Para Bagnulo, porém, a eliminação precoce não altera o legado do compatriota.

Na visão do repórter, assim como a Itália, o Brasil atravessa um período de transição e não reúne uma geração de craques capaz de decidir jogos apenas pelo talento individual. “Os brasileiros precisam se acostumar com a ideia — e sei que não é fácil, porque também não é para nós italianos — de que o Brasil já não é mais o de antigamente. O futebol muda. A geografia do futebol muda. Algumas seleções

crescem, outras entram em declínio, e neste momento o Brasil vive uma fase descendente”, avalia.

Ainda assim, Bagnulo confia que a derrota para a Noruega não impacta a trajetória de Ancelotti nem compromete o projeto iniciado pela CBF. Na avaliação dele, o treinador merece cumprir o contrato renovado até a Copa de 2030.

“Essa eliminação não muda nada na carreira de Ancelotti. Ele assumiu justamente a seleção mais badalada do momento, mas não tem uma geração de fenômenos. Eu daria pelo menos mais dois anos para ele. Estamos falando de um gigante do banco de reservas”.

A visão de Francesca Benvenuti, do Sport Mediaset, é mais otimista. A jornalista acredita que a eliminação não compromete o projeto iniciado por Ancelotti e vê no italiano o perfil ideal para conduzir a reconstrução da Seleção. Para ela, o treinador soube administrar alguns dos maiores vestiários do futebol mundial e ainda reúne as credenciais necessárias para recolocar o Brasil entre os protagonistas.

“Acredito que Carlo Ancelotti representa uma garantia para a Seleção. A capacidade dele de gerir estrelas é única e o temperamento tranquilo é ideal para lidar com as pressões que acompanham a Seleção”, diz a profissional.

Assim como os colegas, Francesca faz uma ressalva em relação ao ciclo encerrado. Na avaliação dela, Ancelotti tomou decisões influenciadas pelo ambiente externo, especialmente no caso de Neymar, mas considera que o próximo ciclo tende a ser mais corajoso.

“Também acredito que, para a primeira Copa do Mundo, ele fez algumas escolhas muito populares, e, talvez, isso tenha acabado sendo algo negativo. Refiro-me a Neymar, por exemplo. Mas, se foi um erro, certamente nasceu de um amor excessivo”, acredita.

Apesar da eliminação, a jornalista demonstra confiança no futuro da equipe. “De modo geral, acredito que o futuro da Seleção está em excelentes mãos. As decisões futuras certamente serão mais ousadas e, para vários grandes nomes, um ciclo chegou ao fim naturalmente”, conclui Benvenuti.



Morre Jayden Adams, aos 25 anos

O meia Jayden Adams, jogador do Mamelodi Sundowns e convocado pela África do Sul para a Copa do Mundo de 2026, morreu, ontem, aos 25 anos. O corpo do atleta foi encontrado em uma casa em Schotschekloof, um bairro na região central da Cidade do Cabo, mas as circunstâncias da morte ainda não foram reveladas, e a polícia local informou ter aberto uma investigação sobre o caso. A notícia do óbito foi confirmada por familiares e representantes do jogador.

Um dos responsáveis pela campanha histórica dos sul-africanos no Mundial, que pela primeira vez chegaram ao mata-mata, Adams foi titular nas partidas contra México e República Tcheca pela fase de grupos, além de vir do banco na vitória sobre a Coreia

do Sul, que garantiu a classificação dos Bafana Bafana. O jogador havia perdido a avó, Mariana Adams, durante a disputa da Copa do Mundo, mas optou por seguir com a equipe no torneio.

Revelado pelo Stellenbosch, também da África do Sul, o meio-campista se transferiu pelo Mamelodi Sundowns em janeiro de 2025 e enfrentou o Fluminense no Super Mundial de Clubes. Ele conquistou os títulos da Liga dos Campeões Africana e o Campeonato Sul-Africano, além de somar 13 jogos e dois gols pela seleção principal do país.

O presidente da Fifa, Gianni Infantino, e colegas de equipe manifestaram as condolências pela morte do jogador. “É extremamente triste saber que

o meio-campista sul-africano Jayden Adams faleceu apenas semanas após participar da campanha histórica do seu país na Copa do Mundo. Meus pensamentos e condolências, assim como o de todos na Fifa e na comunidade global do futebol, estão com sua família, amigos e companheiros de equipe. A estrela dos Bafana Bafana e do Mamelodi Sundowns deixará muitas saudades. Que ele descanse em paz”, escreveu o dirigente nas redes sociais.

O Sindicato dos Jogadores de Futebol da África do Sul (SAFPU) também emitiu um comunicado em homenagem ao atleta.

“O SAFPU está devastado com o falecimento prematuro do meio-campista do Mamelodi Sundowns e dos Bafana Bafana, Jayden

Adams. Jayden havia representado a África do Sul na Copa do Mundo há pouco tempo, carregando as esperanças da nação com orgulho, coragem e distinção. Sua partida é uma perda imensurável para sua família, companheiros de equipe, clubes, a comunidade do futebol e o país como um todo. Expressamos nossas mais profundas condolências à família Adams, ao Mamelodi Sundowns, ao Stellenbosch FC, ao Bafana Bafana e a todos aqueles cujas vidas ele tocou”, diz a nota.

O jogador também foi homenageado com um minuto de silêncio antes da partida entre Noruega e Inglaterra pelas quartas de final da Copa do Mundo.

Jayden Adams deixa a esposa e uma filha de 5 anos.

FIFA



Jogador foi encontrado morto em uma casa na Cidade do Cabo



Itália

Fora da Copa pela terceira vez seguida, a Itália anunciou o ex-jogador Paolo Maldini como novo diretor de seleções da federação italiana. Ele estará acompanhado do brasileiro Leonardo, campeão do mundo em 1994, que irá atuar como consultor. A primeira responsabilidade da dupla será escolher o novo técnico da equipe principal, cargo vago desde a saída de Gattuso, em abril.



Bélgica

Após a eliminação para a Espanha nas quartas de final, o goleiro Thibaut Courtois disse que gostaria de tirar um ano de folga da seleção e ficar fora da Liga das Nações. O paredão defendeu que isso abria espaço para os novos nomes da posição e ameaçou se aposentar do time nacional se os diretores da federação não aceitassem as condições sugeridas.



Argentina

Morreu ontem, aos 89 anos, o ex-jogador Antonio Rattín, ídolo do Boca Juniors e da seleção argentina. Capitão na Copa de 1966, o ex-volante ficou marcado pelo lance em que foi expulso pelo árbitro alemão Rudolf Kreitlein, mas ambos não falavam o mesmo idioma, e o atleta não entendeu a decisão. A Fifa adotou o modelo de cartões amarelos e vermelhos após o ocorrido.



França

De olho na partida contra a Espanha pela semifinal da Copa, na terça-feira, às 16h, em Dallas, a França voltou aos treinos ontem. A novidade na atividade comandada pelo técnico Didier Deschamps foi a bola, que terá um modelo diferente para os próximos jogos. O novo modelo tem detalhes em preto e dourado, substituindo o vermelho, azul e verde do modelo tradicional.



Alemanha

A Federação Alemã de Futebol (DFB) anunciou, ontem, um acordo para Jürgen Klopp assumir o comando da seleção da Alemanha. O comunicado da DFB afirma que ainda faltam burocracias para o contrato ser assinado, mas os principais pontos estão definidos. O treinador não comanda nenhuma equipe desde 2024, quando deixou o Liverpool.



Ronaldo

Maior goleador do Brasil em Copas, Ronaldo está ficando para trás na lista de artilheiros do torneio. Com 14 gols, o ex-jogador foi ultrapassado por Messi e Mbappé, além de estar a um gol de ser alcançado por Kane e já atrás de Klose. “Virou uma várzea, está todo mundo me passando. Perdi a emoção já. Mas títulos eles têm que correr muito atrás”, brincou o craque à CazéTV.